

Sistemas táticos e o que realmente importa

Um tema bastante discutido entre as pessoas envolvidas com futebol, principalmente no Brasil, é a utilização de diferentes sistemas táticos (e não façamos confusão com os esquemas, ligados à organização e dinâmica de uma equipe), o famoso 1-4-2-3-1, o muito utilizado 1-4-4-2, o “ofensivo” 1-4-3-3, ou ainda o “atual” 1-4-1-4-1.

Pois bem, a intenção não é diminuir ou tirar a importância desses números todos, mas convidar o leitor a “pensar” sobre essas “verdades absolutas”, que todos os dias os profissionais ou não do futebol aceitam.

Mas, o que é um Sistema Tático? É a disposição, a forma, em números, que se dá à estruturação de um time. É o desenho de uma equipe de futebol, que se divide em defesa, meio campo e ataque.

Esse desenho fica muito claro e simples de ser observado antes do início do jogo, já que nenhum daqueles números se movimentam dentro de campo, pois os jogadores não podem ficar fixos em suas posições como as peças de um jogo de pebolim. Portanto, talvez esteja na hora de enxergarmos e interpretarmos esses números na prática, com mais atenção e um olhar diferente.

Vamos usar o sistema 1-4-3-3, tido como ofensivo, utilizado por Luis Enrique (treinador do Barcelona), para exemplificar algumas situações. Apesar de ser usado sistematicamente pelo “Barça”, não significa que, num passe de mágica, todos os times que o adotarem jogarão bem, numa sincronia incomum, apresentando alto nível tático/técnico/cognitivo como eles, não é mesmo? Bem, alguns, de maneira bem simplista, ainda crêem que sim.

O Barcelona, por exemplo, usa dois dos seus três meios campistas (chamados no Brasil de volantes) como armadores (Rakitic e Iniesta), jogadores de transição, que atacam a área do adversário em vários momentos do jogo, além de manter o controle de uma dinâmica muito bem montada, não só por seu treinador e comissão, mas por uma “Filosofia”, onde fica muito claro, na teoria e na prática, o respeito à sua tradição, história e cultura.

Ou seja, “montar” uma equipe no 1-4-3-3, e simplesmente escalar três volantes quaisquer, de “marcação”, com pouca qualidade e com uma dinâmica de grupo e coletiva diferentes de toda a equipe, pouco efeito terá. E isso não quer dizer que não possa se utilizar de seus meio campistas com funções defensivas importantes (Busquets), pois, assim seus laterais podem ganhar mais liberdade para atacar, utilizando-se de suas características ofensivas (Daniel Alves e Alba). O importante é manter uma equipe EQUILIBRADA em todos os momentos do jogo (transições, momentos posicionados de defesa e ataque, além da “bola parada”).

Ainda se espelhando na equipe catalã, se usarmos em uma equipe, os mesmos três atacantes, mas nenhum deles possuem características de velocidade, para criar espaços (por dentro, por fora, entre linhas), apresentar pouca eficiência no 1x1, ou que não proporcionar amplitude e profundidade, pouco importará para esse time utilizar o 1-4-3-3, que poderá deixar de ser ofensivo, já que pode encontrar dificuldades para criar situações de criação e mobilidade.

Mas a intenção aqui não é copiar ou jogar de modo semelhante ao do Barça, mas sim mostrar a importância de se perceber e entender o contexto e a realidade de uma equipe. Não é tão simples e óbvio jogar como o poderoso Barcelona, que além de ser uma seleção mundial em forma de clube, é uma escola de futebol muito bem fundamentada.

Possuem jogadores de alto nível que conseguem executar quase tudo de maneira perfeita, uma exceção, ainda mais se levar em consideração a realidade financeira e estrutural (não só física, mas principalmente de gestão) dos clubes brasileiros. Porém, é possível jogar por aqui um futebol de maior qualidade, sem tanto “chutões”, utilizando por mais vezes o jogo com os pés dos goleiros, de maneira mais organizada, e melhorar o nosso nível de atuação.

Voltando à conversa sobre sistemas táticos, numa situação hipotética, se existe no elenco, um “volante” que protege bem a defesa e bons meias/atacantes que auxiliam na marcação pelos “corredores”, jogar em um 1-4-1-4-1 pode ser muito eficiente. Mas se esse volante não possui capacidade

técnica/tática/física e, principalmente, cognitiva para fazer uma leitura correta em tomadas de decisões importantes e não tiver um “primeiro passe” eficiente, o sistema pode não funcionar. Ou ainda, se esses meias/atacantes não ajudarem nos momentos defensivos e aos poucos deixarem espaços em suas costas, para o adversário jogar entre linhas, o sistema pode ficar comprometido.

Vê-se muitas equipes que não conseguem ser ofensivas jogando no sistema 1-4-3-3 e outras que mesmo em um 1-5-4-1, considerado defensivo, se tornam muito mais ofensiva que outras. A maneira como essa equipe vai se portar, como a engrenagem irá funcionar, levando em consideração as peças que serão utilizadas para que haja uma boa sincronia de movimentos, são decisivas para se ter uma equipe “encaixada”, de fluidez natural e eficiente.

Temos como exemplo, a Seleção Brasileira de 94, em um 1-4-4-2, que se baseava em uma defesa e meio campo sólidos, para dois atacantes, um de movimentação/assistência (Bebeto) e outro exímio finalizador (Romário) decidirem os jogos. Treinada e dirigida pelo mesmo treinador (Carlos Alberto Parreira), em 2006, a seleção era disposta no mesmo 1-4-4-2, dessa vez com quatro jogadores de frente de muita qualidade técnica (Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo). Esse time possuía outras características. Sistemas iguais, porém, dinâmicas e individualidades diferentes. E não se discute aqui qual foi a melhor, e sim a observação de estilos e personalidades de equipes diferentes, baseadas em um mesmo sistema.

Além disso, devemos nos lembrar de que uma equipe deve obter sua proposta de jogo, apoiada por um modelo próprio, um jeito de jogar, sempre muito particular. Esse modelo pode e deve fundamentar muito bem essas escolhas e preferências por sistemas e características de jogadores utilizados.

Tudo o que foi dito até o momento, não dá garantia de vitórias e sucesso (a propósito, o que é o sucesso para um time de futebol?), afinal, isso é um jogo, onde o resultado final depende de muitas variáveis, algumas controladas e outras não. Portanto, não importa QUAL é o sistema adotado na teoria, mas compreender COMO ele é utilizado na prática.

A todo o momento falamos em FUNÇÕES, em RESPONSABILIDADES, em DINÂMICAS de cada jogador dentro de campo que, mesmo jogando em sua posição, possui tarefas a cumprir em prol do coletivo, sejam elas individuais, de grupo ou coletiva. Pequenos conjuntos, em vários setores, formando uma só unidade, mirando um objetivo em comum.

Pouca importância se dá aos números, posições e outros tipos de “engessamento”, já que em um jogo dinâmico, jogado em alta velocidade, onde o atleta precisa mudar de função a cada momento, tomar decisões em frações de segundo, ele não poderá ficar preso a números e “verdades” tidas por absolutas.

Alguém se habilita a afirmar, por exemplo, em qual sistema joga o Bayern de Guardiola? Algo bem difícil de se definir não é mesmo? Mas os princípios e comportamentos do seu coletivo (composto por 11 unidades) ficam claros.

Pressionar o portador da bola assim que a perde, jogar em linha alta tentando “empurrar” o adversário para seu campo e recuperar a bola para iniciar um ataque apoiado, muito bem estruturado com posse, dando profundidade e amplitude para sua equipe. Sistema “indefinido” (aliás, existirá algum definido, em um jogo tão rápido?), mas funções e tarefas muito bem distribuídas e executadas.

As ideias e exemplos de outras escolas, culturas e contextos podem servir para auxiliar e enriquecer o nosso entendimento, mas não nos afastar de nossas raízes. O jogo de futebol pede reflexões.

Que saibamos olhar para dentro do nosso jogo, buscando sempre nossa essência e a nossa identidade. E de preferência, que nossas concepções sejam revistas e atualizadas a todo instante, como acontece com nosso simples e ao mesmo tempo complexo, jogo de futebol.

Muriel Fernandes – Treinador Adjunto Sub 20 Goiás Esporte Clube